

ARGENTINA: O NOVO PRESIDENTE E OS IMPACTOS PARA O AGRONEGÓCIO

28 de Outubro de 2019

O PERFIL DO NOVO PRESIDENTE: “CAMALEÃO”

O peronista Alberto Fernández venceu as eleições presidenciais na Argentina em primeiro turno com 48,1% dos votos. O atual presidente, Mauricio Macri, obteve 40,4% da preferência eleitoral. Pelas regras eleitorais do país, se um candidato obtiver mais de 45% dos votos, não há necessidade de segundo turno. O partido de Macri manteve o controle da capital, com a reeleição de Horacio Rodríguez Larreta. Na Província de Buenos Aires, o vencedor foi Axel Kicillof, que foi ministro da Economia de Cristina Kirchner. Os argentinos renovaram ainda 130 dos 257 deputados e 24 dos 72 senadores.

De baixo perfil e há anos afastado da política ativa, Fernández se tornou a surpresa da campanha eleitoral da Argentina. Peronista moderado e pragmático, chegou à presidência alavancado pela ex-presidente e companheira de chapa, Cristina Kirchner. Advogado de 60 anos, ele chegou às eleições como franco favorito, depois de obter 47% dos votos nas primárias de agosto, apoiado por uma oposição peronista unificada. Um resultado surpreendente para alguém que disputou uma eleição popular apenas uma vez, em 2000, nas legislativas da cidade de Buenos Aires.

Seu desempenho de mais destaque foi como chefe de gabinete de Néstor Kirchner (2003-2007), assim como de Cristina, em 2008. Naquele ano, ele rompeu com sua agora vice. Depois de ela acusá-lo de defender interesses do grupo de comunicação Clarín em seu governo, Fernández publicou uma carta aberta no jornal La Nación, acusando-a de mentirosa e insinuando que lhe faltava equilíbrio emocional. Ambos usam esse desentendimento como argumento para atestar a independência de Fernández, contra aqueles que o acusam de ser uma marionete de Cristina.

Ele governará e escolherá seu gabinete, mas Cristina provavelmente terá poder de veto sobre alguns membros do gabinete. Em contrapartida, foi parte da negociação entre os dois Cristina ter indicado os nomes dos parlamentares peronistas, ele não teve nenhuma influência sobre essa escolha. Fernández passou por partidos e governos de diferentes cores políticas. Entre eles, o Partido Constitucionalista Nacional, ligado à ultradireita nacionalista. Fernández trabalhou ainda nos governos de Raúl Alfonsín e Carlos Menem, o que lhe rendeu o apelido de “camaleão”.

Macri, o candidato derrotado, foi atropelado pela crise econômica. Filho da elite empresarial, Mauricio Macri foi executivo do Citibank e presidente do Boca Juniors, entre 1995 e 2007, período de maior sucesso da equipe. Essa experiência serviu de trampolim para a carreira política, que começou como prefeito de Buenos Aires (2007-2015). Foi eleito presidente da Argentina em 2015 como esperança do liberalismo em uma região marcada pelo populismo. Quatro anos depois, ele reconhece que suas medidas de austeridade foram duras, mas que o pior já passou.

Engenheiro de 60 anos, Macri estudou nas melhores escolas e universidades. Entre seus colegas de classe, vários se tornaram seus ministros. Graduou-se na Universidade Católica e se especializou em Columbia, em Nova York. Sua carreira foi feita na empresa familiar, uma construtora. Seus opositores o acusam de viver fora da realidade e de ser insensível às dificuldades da população. As conexões familiares facilitaram seu bom relacionamento com o presidente americano, Donald Trump, que ele conheceu anos atrás em razão dos negócios de seu pai, Franco Macri.

AS PRIMEIRAS MEDIDAS E A POSTURA A SER ADOTADA

O Banco Central da República Argentina (BCRA) anunciou nesta segunda-feira (28/10) medidas para limitar as compras de dólares, um dia depois de o peronista Alberto Fernández ser eleito no primeiro turno da eleição presidencial do país. As compras mensais de dólares serão limitadas a US\$ 200 por conta bancária e US\$ 100 em espécie até dezembro. O limite anterior era de US\$ 10 mil por mês. As autoridades avaliam como lidar com o período pós eleição, levando em conta que depois das prévias houve grandes turbulências diante do resultado forte do opositor eleito Alberto Fernández. O limite de compras em dólares de US\$ 10 mil ao mês por pessoas físicas não controlou a demanda pela divisa norte-americana. Após o governo argentino limitar as compras de dólares a US\$ 200 por conta bancária e US\$ 100 em espécie até dezembro, a cotação da moeda norte-americana retrocedeu no mercado internacional, mas avançou no paralelo na manhã desta segunda-feira (28/10).

A restrição de dólares provocou uma corrida ao mercado negro e que, poucas horas após o anúncio do governo, a moeda já estava sendo negociada a 75,50 pesos. No fim da manhã, a moeda norte-americana era cotada a 77,00 pesos argentinos. No Banco Nación, o dólar é vendido a 63,50 pesos. A procura por passagens aéreas para o exterior, negociadas pelo dólar turismo está cerca de 60% maior que a média das segundas-feiras. Muita gente já comprou sua passagem prevendo qualquer tipo de medida que afete os preços e a própria subida do dólar. Ao limitar o mercado de compra e venda de dólares, as operações ilegais e fora do sistema bancário tendem a subir nos próximos dias.

Um dos planos de Fernández para estancar a crise econômica é congelar os preços por 180 dias e garantir um aumento salarial de emergência. A inflação acumulada no último ano está perto de 60%. A eleição garante a Cristina Kirchner uma cadeira no Senado, o que também assegura a ela imunidade parlamentar. A ex-presidente enfrenta uma série de acusações de

corrupção. A vitória de Alberto Fernández na eleição presidencial da Argentina foi por margem menor do que se previa, o que deverá deixar o peronista mais pressionado a implementar políticas heterodoxas que mirem o crescimento econômico, e sua equipe de transição provavelmente refletirá essa visão.

Se a estratégia heterodoxa se confirmar, a relação do país com o Fundo Monetário Internacional (FMI) vai se complicar. Assessores de Fernández previam que o peronista teria uma votação ainda mais expressiva, de mais de 54% do total, que equivale ao que a sua vice na chapa, Cristina Kirchner, obteve na eleição presidencial de 2011. A decisão do Banco Central da Argentina de restringir compras mensais de dólares a US\$ 200 por pessoa deverá ampliar a diferença entre a cotação cambial e a paralela, limitando ainda mais o que Fernández poderá fazer. A medida do BC argentino vai intensificar as incertezas e ampliar a pressão sobre o câmbio. Porém, Fernández acredita nas vantagens de uma administração mais ativa da taxa de câmbio e dos fluxos cambiais.

No curto prazo, a vitória de Fernández será negativa para os mercados financeiros do país. No entanto, não pode se descartar uma recuperação dos mercados, uma vez que o presidente argentino, Mauricio Macri, teve desempenho melhor do que o esperado. Além disso, a coalizão Frente de Todos, de Fernández, conquistou maioria apenas no Senado, mas não na Câmara dos Deputados. O resultado eleitoral confirma que Macri não está politicamente acabado, o que significa que a transição será suave e ele provavelmente buscará disputar a eleição de 2023. Isso sugere que Macri vai tentar manter o peso argentino sob controle até 10 de dezembro, data de transferência do governo.

O presidente do Banco Central da República Argentina (BCRA), Guido Sandleris, afirmou nesta segunda-feira (28/10) que o limite mensal de US\$ 200 para a compra de dólares no país visa preservar as reservas internacionais e permitir ao governo do presidente eleito Alberto Fernández contar com grau maior de liberdade para poder implementar as suas políticas econômicas. Nos últimos dias, houve um aumento da demanda por dólares e o endurecimento dos controles cambiais se deveu ao risco de que essa procura fosse ainda mais reforçada nesta semana, sendo crucial acabar com a atual incerteza econômica para reduzir a inflação.

Segundo o BCRA, essa medida, ainda que transitória, é muito restritiva e afeta muitas pessoas. Os controles focam exclusivamente em compra de dólares para acumulação e especulação financeira, e não afetam o acesso ao mercado cambial para comércio exterior ou pagamento de dívidas. Sandleris disse que deve ser reunir nos próximos dias com a equipe econômica de Fernández para trabalhar na transição. Desde as eleições primárias abertas, simultâneas e obrigatórias (Paso), em agosto, as reservas internacionais diminuíram em US\$ 22 bilhões. Boa parte dessa contração se deveu às intervenções do BCRA no câmbio.

Segundo o banco central argentino, deve haver nesta semana uma reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) local para uma decisão sobre as taxas de juros. O Banco Central afirma que fará tudo o que estiver ao alcance para assegurar que tenha as ferramentas

necessárias para continuar desenvolvendo uma política monetária consistente. Sandleris falou repetidamente sobre as dificuldades na Argentina de chegar a consensos básicos sobre o funcionamento da economia, sem, no entanto, ser explícito sobre exatamente a que fatores se referia.

O viés populista associado a um governo com Cristina Kirchner será freado pela falta de dinheiro. Alberto Fernández será um governo progressista, terá algum populismo, mas limitado pelas severas condições adversas do modelo econômico. Vai haver uma tensão entre a realidade e as intenções dele. O tema principal será como enfrentar a crise econômica. Ele vai ter que calibrar as medidas e ver o que fazer. Essa tensão não pode afetar a governabilidade. E Fernández terá um ponto a favor: o grupo que hoje está no poder e passará à oposição vai estar em crise. Ao colocá-lo como cabeça de chapa, Cristina tomou uma decisão política importante, que mudou o cenário político. Ela teve de aceitar que o caminho não era o dela sozinha. Que havia que integrar outros setores do peronismo, se aproximar de governadores com os quais ela havia brigado. Fernández deve fazer uma tentativa keynesiana de colocar dinheiro nos bolsos das pessoas. O problema é que esse dinheiro não existe. De certa forma, isso já está sendo feito por Macri, ao emitir moeda. Mas essa tática pode alimentar a inflação.

Ao assumir o cargo, Alberto Fernández deverá adotar políticas fiscal e monetária expansionistas. Em parte, porque isso é consistente com as opiniões de Cristina Kirchner, em parte para tentar alcançar algum crescimento e construir capital político. Cristina Kirchner sai fortalecida do pleito, após o ex-ministro da Fazenda do país Axel Kicillof, que tem a ex-presidente - e agora vice-presidente eleita - como sua líder política, ter sido escolhido pela população como governador da província de Buenos Aires. Os resultados das eleições sugerem que o caminho da disciplina fiscal no país poderá ser breve. O anúncio da equipe ministerial de Fernández ainda deve ser crucial para uma transição ordenada.

A deterioração das condições econômicas e financeiras, desde as eleições primárias, está mais relacionada às incertezas em torno das políticas econômicas a serem empreendidas pelo kirchnerismo do que às políticas de Macri. A vitória de Fernández com vantagem aquém da esperada pode causar dificuldades para o mandato do peronista. O fato de Macri ter obtido 40% dos votos em um ambiente econômico desafiador mostra que parte significativa da população continua a não gostar do kirchnerismo. Os discursos proferidos por Alberto Fernández ao longo do domingo passado ainda podem dar sinais claros sobre a política externa a ser adotada. O presidente, ao ser eleito, parabenizou o presidente da Bolívia, Evo Morales, por sua reeleição, e pediu a liberdade do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva.

Fernández alcançou a vitória após unificar as divisões no peronismo, mas agora enfrenta o desafio de superar o colossal abismo (ou "la grieta") que polariza os argentinos em posições que parecem irreconciliáveis. Ele prometeu deixar a polarização de lado e convocou todos a trabalharem "juntos por um país melhor". "La grieta" - um termo importado da geologia (fenda, racha, rachadura) usado para citar um tremor e rompimento definitivo - expõe os acalorados debates entre peronistas e anti-peronistas, progressistas e conservadores,

neoliberais e estatistas. Embora sempre tenha existido ao longo da história argentina, a "grieta" se consagrou como tal durante o governo da ex-presidente Cristina Kirchner (2007-2015), agora vice-presidente eleita.

Apoiada por multidões, Kirchner também era detestada por muitos setores que a criticavam por suas políticas econômicas, seu estilo autoritário de governar e que a consideravam um símbolo de corrupção para o país. Estas paixões evocam os sentimentos de amor e ódio provocados pela também mítica Eva Perón e pelo próprio Juan Perón, fundador do peronismo, o maior movimento político argentino, nascido em 1945. Trata-se de uma construção político-comunicacional que não necessariamente representa as vontades sociais. As classes média e alta sentem que fazem parte de um lado da "grieta". Defendem políticas liberais e se auto percebem como os representantes da República, enquanto, do outro lado, estão os peronistas e progressistas que se concentram em políticas mais distributivas, por exemplo. Não está claro que um lado seja a corrupção e o outro a anticorrupção. Tampouco é claro que o governo de Mauricio Macri tenha sido estritamente liberal e que o de Cristina lutava pela justiça social.

Nessa radicalização, montou-se o que depois foi o "macrismo", o projeto de Macri, que assumiu em 2015 e deixará o governo no dia 10 de dezembro. Essa polarização política se desenvolveu em muitos lugares do mundo, a partir da grande recessão de 2008 e se cristalizou em figuras como o presidente americano, Donald Trump, o venezuelano Nicolás Maduro, e o brasileiro Jair Bolsonaro. A Argentina está tentando encontrar seu centro. Cristina Kirchner, que mantinha um forte apoio, mas também uma alta rejeição, surpreendeu há alguns meses ao desistir de sua candidatura e escolher para liderar a chapa Alberto Fernández, seu ex-chefe de gabinete. Nesta campanha, os peronistas entenderam que, com o racha, não apenas não poderiam ganhar as eleições, mas que não poderiam governar.

Durante os governos kirchneristas, os argentinos mantiveram uma relação estreita com a Venezuela chavista. É por isso que o governo alertou ao longo da campanha eleitoral que a Argentina corria o risco de ter o mesmo viés ideológico que o país caribenho, que passa por uma grave crise política, econômica e social há anos - caso Kirchner voltasse ao poder. O governo Macri também criticava a suposta conivência de Fernández - que foi chefe de gabinete de ministros tanto de Cristina Kirchner como de seu marido, Néstor Kirchner (2003-2007) -, com o presidente venezuelano, Nicolás Maduro. Apesar de Fernández ter se mostrado em julho muito preocupado com o viés autoritário na Venezuela, o agora presidente eleito ressaltou que, se chegasse ao poder, sairia do Grupo de Lima - aliança de países que não reconhecem Maduro como presidente e apoiam o líder opositor Juan Guaidó - ao qual acusou de fomentar "uma posição intervencionista" na Venezuela.

IMPACTOS ESPERADOS NO AGRONEGÓCIO

A eleição de Alberto Fernández para a Presidência da Argentina preocupa os agricultores do país. Muitos agricultores estão temerosos com o fato de o novo governo poder intervir,

novamente, em uma extensão muito maior na produção e comércio exterior de produtos agrícolas e deverão reter os investimentos no segmento. No mandato de Cristina Kirchner, o governo cobrou altas taxas sobre as exportações agrícolas, tornando o plantio dos produtos menos lucrativos. Os impostos foram reduzidos consideravelmente sob a gestão de Maurício Macri, embora por um período intermediário eles tenham sido elevados novamente em virtude de problemas orçamentários.

A Argentina é o maior exportador de farelo e óleo de soja, além de um dos maiores exportadores globais de milho e de trigo. Para o trigo, uma possível restrição de oferta dos triticultores argentinos poderia sustentar os preços no mercado global. No entanto, atualmente não é apenas a política que pesa sobre o sentimento do mercado. A seca que afeta as regiões produtoras do país resultou em revisões nas previsões de safra para o cereal produzido do país nas últimas semanas. A Bolsa de Cereais de Buenos Aires reduziu sua perspectiva de colheita de trigo na safra 2019/2020 no país para 20 milhões de toneladas, volume praticamente estável em relação à temporada anterior.

O FUTURO DO MERCOSUL E O PAPEL DO BRASIL

O presidente Jair Bolsonaro afirmou que pretende ampliar qualquer comércio com a Argentina, diante da vitória do peronista Alberto Fernández. O presidente também espera que Fernández reveja posição dita no passado sobre eventualmente deixar o Mercosul. Segundo Bolsonaro, o Brasil pretende ampliar qualquer comércio com a Argentina, mas, obviamente, como integrante do Mercosul, as cláusulas democráticas têm que se fazer valer. Bolsonaro ainda disse esperar que aquilo que Fernández volte atrás sobre o que falou quando visitou o ex-presidente Lula no Brasil. Fernández adotou durante a campanha um tom mais moderado sobre o tema e evitou polemizar com o presidente brasileiro. Nos últimos dias, Bolsonaro chegou a falar em suspender a Argentina se o eventual sucessor de Mauricio Macri resistir à abertura comercial.

Bolsonaro afirma querer que a Argentina continue na questão comercial e, em caso contrário, poderá se reunir com o Uruguai e o Paraguai. O Brasil deverá esquecer os aspectos ideológicos, ser pragmático e fortalecer a Argentina para preservar o mercado de exportações de manufaturados e impedir que esse espaço seja ocupado pela China. O Brasil não deveria criar atritos que já existem naturalmente, mas, sim, criar condições para a Argentina melhorar. Se a Argentina melhorar, o Brasil tira proveito disso. A cada US\$ 1 bilhão de exportação de produtos manufaturados, são gerados 50 mil empregos diretos e indiretos. Se tivermos uma relação normal com a Argentina, quando o País voltar a crescer, tirará proveito disso. Ajudar a Argentina significa simplesmente não atrapalhar o país vizinho. Nesse sentido, por exemplo, a aceitação por parte do governo brasileiro do forte aumento da taxa de estatística, que é como se fosse uma barreira tarifária e tem como objetivo conter importações.

O governo brasileiro tem consciência que essa taxa fere as regras da OMC, mas também sabe que não adianta discutir com a Argentina. No fundo, a Argentina tem que gerar superávit,

e captar recursos no mercado externo é muito difícil, já que está um grau abaixo de default. Então, a única forma de a Argentina captar divisas é gerar superávit comercial. Assim, o Brasil deve ter o primeiro déficit comercial com a Argentina este ano desde 2003, e esse saldo negativo deve aumentar em 2020, não só porque a Argentina deve continuar a conter as importações como também o Brasil deve comprar mais, dada a expectativa de crescimento econômico maior no ano que vem, principalmente com maior compra de automóveis, caminhões e máquinas. Tanto Fernández quanto a vice, Cristina Kirchner, têm consciência do grande problema pela frente e que o governo formado pelos dois deve ter de adotar medidas amargas de qualquer maneira, dado o elevado déficit fiscal do país.

O mais provável é que a eleição de Fernández não prejudique o Mercosul ou mesmo o acordo firmado entre o bloco e a União Europeia. O peronista tem se mostrado pragmático em suas declarações e indicado que tem consciência do que precisa ser feito. Politicamente, o acordo Mercosul-UE é muito importante para Brasil e Argentina, porque mostra que conseguiram negociar em pé de igualdade com os europeus. Além disso, o acordo representa uma reserva de mercado para o agronegócio dos dois países no confronto com os Estados Unidos. Por causa disso, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, está tentando forçar a China a importar mais produtos agropecuários norte-americanos. Se o acordo EUA-China for feito nesse contexto, os preços domésticos de commodities agrícolas podem cair no Brasil e na Argentina em 2020.

Se a Argentina abrir mão do Mercosul, ficará isolada. E o país precisará de apoio para se recuperar. O acordo Mercosul-UE teve forte apoio da sociedade argentina e é pouco provável que a nova gestão interrompa o processo. A convicção da manutenção do acordo parte do diagnóstico de que é um acordo muito vantajoso para ambas as partes, Mercosul e UE, e vai trazer vantagens para os consumidores, com produtos mais baratos e acessíveis. O governo Bolsonaro reafirmou ainda a intenção do Brasil de promover uma reforma no Mercosul, com redução da TEC (Tarifa Externa Comum) em particular e acredita que a Argentina vai querer o mesmo. O governo brasileiro afirma que a TEC do Mercosul tem a maior média mundial tarifária e há desejo de redução, mas a magnitude precisa ser discutida.

Carlos Cogo

SÓCIO-DIRETOR DE CONSULTORIA
AGRIBUSINESS CONSULTANT

